

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA

RAFFHAELLA SANTOS COELHO

**DAS SOMBRAS AO PENSAMENTO PURO: UMA  
REFLEXÃO SOBRE A LINHA DIVIDIDA NO  
CONTEXTO D'A REPÚBLICA DE PLATÃO**

UBERLÂNDIA

2025

RAFFHAELLA SANTOS COELHO

DAS SOMBRAS AO PENSAMENTO PURO: UMA  
REFLEXÃO SOBRE A LINHA DIVIDIDA NO CONTEXTO  
D'A REPÚBLICA DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Filosofia do Instituto de  
Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia  
como requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel e licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Garcia Nunes  
Sobrinho

UBERLÂNDIA

2025

RAFFHAELLA SANTOS COELHO

DAS SOMBRAS AO PENSAMENTO PURO: UMA  
REFLEXÃO SOBRE A LINHA DIVIDIDA NO  
CONTEXTO D'A REPÚBLICA DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Filosofia do Instituto de Filosofia da  
Universidade Federal de Uberlândia como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel e licenciado em Filosofia.

Uberlândia, 22 de setembro de 2025.

Banca Avaliadora:

---

Prof. Dr. Rubens Garcia Nunes Sobrinho (Orientador – UFU)

---

Prof. Dr. Fernando Martins Mendonça (Arguidor – UFU)

## AGRADECIMENTOS

À minha esposa Nathalya Thays, cujo incentivo e cooperação emocional e financeira foram condição de possibilidade não somente para que eu desse à luz este trabalho, mas também para que meu amor pelo estudo da filosofia pudesse florescer em um lar nutrido com amor e ternura. Obrigada por ser minha família.

Aos professores Rubens Sobrinho, Fernando Mendonça e Leandro Freitas. Pelo trabalho impecável de guiar a mim e meus colegas de curso pelos horizontes do mundo antigo. A carreira e atuação de vocês é constante fonte de inspiração para mim. Sobretudo, agradeço ao meu professor e orientador Rubens Garcia Nunes Sobrinho, não somente por confiar em minha capacidade intelectual e ser o mestre que tem me guiado pelos caminhos que desejo seguir na academia, mas também por ter se tornado um caro amigo que me auxilia na libertação dos grilhões da ignorância e alavanca minha jornada rumo ao conhecimento.

Aos amigos que compartilham comigo o desejo de nutrir a amizade pelo saber: Natalha Geralda, Michel Ribeiro, Felipe Fernandes, Ryan Pablo, Victor Mathias, Gabryella Couto, Mateus Patrício e Bruno Sunkey, agradeço pelos momentos, vocês tornaram a jornada interessante e divertida.

Destaco meus agradecimentos aos amigos, Natalha Geralda e Michel Ribeiro, por me mostrarem que a experiência da Universidade passa pela construção de fortes laços de amizade que alimentam a alma. A admiração que tenho por vocês cresce a cada dia.

Às professoras do Instituto de filosofia, Fillipa Silveira, Maria Socorro Militao, Georgia Amitrano e Luciene Torino por exibirem exemplo ímpar de mulheres na academia e na filosofia e por serem fonte de inspiração para as estudantes do curso.

Aos meus recentes amigos, Maria Angélica e Diego Spósito, pelo carinho de sempre e por terem se tornado amigos tão afetuosos e importantes em minha vida espiritual. Minha alma demonstra através de sonhos que anseia por mais momentos com vocês.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo se debruçar sobre aspectos interpretativos relacionados à Linha Dividida. Para isso, analisaremos o texto da República de Platão e nuances interpretativos a respeito do caráter epistemológico e ontológico do esquema. A Linha Dividida é parte de um grande e complexo esquema de analogias e imagens presentes n'A República de Platão. O filósofo, em uma parte do texto, nos apresenta dentre outras coisas a sua teoria do conhecimento onde ele relaciona estados da alma (*psykhé*) com objetos de conhecimento. Ele esboça um esquema complexo que proporciona várias noções e sugestões a respeito do tema do conhecimento humano. Mas qual seria a principal concepção filosófica que Platão quer nos transmitir com o esquema da Linha no contexto do diálogo? Em relação ao caráter epistemológico dessa estrutura, estaria presente algum tipo de gradação do conhecimento? Seriam os quatro seguimentos da linha completamente isolados entre si? Sendo assim, no que diz respeito aos seus dois extremos (*eikasía* e *nóesis*) existiria de um lado a completa ausência de conhecimento e do outro o conhecimento pleno? Qual o papel da opinião no grande esquema geral de analogias e imagens d'A República? Tendo tais perguntas como horizonte para exploração sem a aspiração de respondê-las de forma definitiva, faremos nossa reflexão.

**Palavras-chave:** A República de Platão; Linha Dividida; epistemologia; ontologia; filosofia antiga

## ABSTRACT

This work aims to examine interpretative aspects related to the Divided Line. To do so, we will analyze the text of Plato's *Republic* and interpretive nuances concerning the epistemological and ontological character of the schema. The Divided Line is part of a large and complex framework of analogies and images found in Plato's *Republic*. In one section of the dialogue, the philosopher presents, among other things, his theory of knowledge, in which he relates states of the soul (*psyché*) to objects of knowledge. He outlines a complex schema that offers various notions and suggestions regarding the theme of human knowledge. But what would be the main philosophical conception Plato wishes to convey through the schema of the Line within the context of the dialogue? With regard to the epistemological character of this structure, is there some kind of gradation of knowledge present? Are the four segments of the line completely isolated from one another? Thus, with respect to its two extremes (*eikasía* and *nóesis*), would one represent the complete absence of knowledge and the other full knowledge? What is the role of opinion within the larger framework of analogies and images of the *Republic*? Taking such questions as a horizon for exploration, without the aspiration to answer them definitively, we will develop our reflection.

**Keywords:** Plato's Republic; Divided Line; epistemology; ontology; ancient philosophy.

## **LISTA DE FIGURAS.**

|           |      |
|-----------|------|
| Figura 1: | p.16 |
| Figura 2: | p.19 |
| Figura 3: | p.20 |

## SUMÁRIO

|                                                        |    |
|--------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                        | 9  |
| CAPÍTULO 1: O ESTATUTO DA REALIDADE.....               | 12 |
| 1.1. O devir e a essência.....                         | 12 |
| 1.2. O apanágio da visão .....                         | 14 |
| 1.3. A realidade e sua imagem resplandecente .....     | 17 |
| CAPÍTULO 2: A LINHA DIVIDIDA.....                      | 19 |
| 2.1. A construção da linha.....                        | 19 |
| 2.2. Uma imagem do conhecimento .....                  | 22 |
| 2.3. Uma imagem de escuridão? – O mito da caverna..... | 24 |
| CAPÍTULO 3: A DIALÉTICA E SEU OBJETO. ....             | 27 |
| CONCLUSÃO.....                                         | 29 |
| REFERÊNCIAS .....                                      | 30 |

## INTRODUÇÃO

Como é possível conhecer? De que maneira isso ocorre? Essas são perguntas que marcam não somente a característica elementar da epistemologia, mas também atravessam nossa existência e experiência como humanos bem como nossa investigação sobre nós mesmos como espécie. A capacidade de refletir e conhecer sobre as formas como se conhece é por si só um ótimo exemplo do deleite e da angústia em ser humano. Pois o deleite que é contemplar os ‘porquês’, e a angústia de não os conhecer em sua totalidade, só o humano possui. A fruição de conhecer e o desconsolo de não conhecer tudo, são motor e combustível da humanidade e sobretudo, do filósofo. Este trabalho leva em consideração o que um dos maiores pensadores da humanidade versou sobre o tema do conhecimento, e busca explorar tais perguntas a luz do que foi escrito por ele. Veremos que essas duas perguntas, na mente de Platão, se ramificam em tantas outras formas de falar sobre o conhecimento que exploraremos mais adiante.

Uma das obras mais ilustres do filósofo, *A República* de Platão tange uma miríade de temas filosóficos discutidos pelo autor. Aquele que interessa para este trabalho é, sobretudo, o da teoria do conhecimento. Fato é que mesmo depois de tantas histórias da filosofia, ainda existem interpretações diametralmente opostas sobre a filosofia platônica em geral. A teoria do conhecimento do filósofo não está isenta às discordâncias interpretativas. Esta é uma empreitada por uma análise de interpretações a fim de julgar e por vezes propor sentidos mais adequados do que *a República* nos conta sobre a epistemologia platônica<sup>1</sup>. Examinaremos os meios adotados e os fins sobre os quais Platão orienta sua epistemologia. Afinal como e por que o filósofo versa sobre sua teoria do conhecimento?

O cerne da epistemologia platônica, a saber, a Linha Dividida, está presente n’*A República* e é precedida por uma analogia imagética (analogia do Sol como filho do Bem) que nos introduz à uma espécie de estatuto da realidade. Este último será de suma importância para a compreensão da teoria do conhecimento platônica. Da mesma maneira, a imagem imediatamente subsequente ao principal esquema epistemológico de Platão, apresenta as noções filosóficas anteriormente discutidas de forma aplicada ao percurso da *psykhé*, se

---

<sup>1</sup> Chamamos de "epistemologia platônica" o conjunto de noções filosóficas elaboradas por Platão que dizem respeito ao conhecimento humano bem como de que maneira ele se dá. Também nos referimos ao conteúdo filosófico que versa sobre os estados daquela *psykhé* que ainda não tem conhecimento pleno. Desta forma, conteúdos que podem não se classificar como crenças verdadeiras e justificadas tangem o que denominamos como teoria do conhecimento (epistemologia) platônica.

mostrando assim uma ferramenta enriquecedora e primordial na interpretação apropriada da epistemologia platônica. Em vista disso, este trabalho visa se debruçar sobre os livros VI e VII d'*A República*, onde se encontram esses três momentos citados acima. Percorreremos assim, o trajeto supracitado, a fim de investigar interpretações para o texto platônico.

O filósofo exhibe o esquema da Linha através da linguagem em seu texto, sem o uso de 'gráficos'. Portanto, é justo e frutífero para nossa investigação que este trabalho se esforce em direção à construção de tal diagrama que, posteriormente, surtirá efeitos expressivos na investigação a despeito do significado e do papel da Linha Dividida.

Os livros VI e VII d'*A República* contêm um grande esquema imagético que se conecta com suas partes pelo contexto e pela semelhança entre relações em cada uma das partes. Essa estrutura apresenta-se em três parcelas. Assim, a analogia do Bem e do Sol, seguida pela Linha Dividida e por fim o Mito<sup>2</sup> da Caverna, são as partes de um todo. Este, por sua vez, opera por meio de analogias (semelhanças entre relações); e para além das analogias contidas em cada uma das partes do esquema, as partes apresentam analogias entre si. Dito isso, a investigação aqui presente se desdobrará em alguns momentos; o primeiro está destinado a esmiuçar o estatuto da realidade no livro VI d'*A República*. Posteriormente analisaremos o papel desempenhado pela Linha de modo geral (considerando o contexto do diálogo) passando pela construção da estrutura da Linha e pelo estudo específico da opinião em relação ao conhecimento buscando examinar de que forma a opinião se encaixa ou não na categoria de conhecimento no sentido fraco. No terceiro momento nos debruçaremos sobre a última fração da Linha Dividida a fim de buscar o que Platão pretende nos ensinar sobre tal fração, bem como a dialética e seu objeto.

Inicialmente, parece mais evidente que a primeira e a última fração do todo (Sol como o filho do Bem; Linha dividida e Caverna) estejam carregadas de imagens. Sócrates estabelece que a ideia do Bem constitui o mais elevado conhecimento (505a). Todavia, quando é convocado por Glauco a versar sobre o que é o Bem (506b) o filósofo se vê limitado pela linguagem. Incapaz de falar sobre o que é o Bem em si, ele evoca sua imagem<sup>3</sup>, seu filho, o Sol.

---

<sup>2</sup> Optamos pelo uso de "mito da caverna" e não "alegoria da caverna". Para além de dizer algo de outra forma (alegoria), Platão apela para as múltiplas camadas de significação que tem um mito no imaginário grego. O mito Platônico é caracterizado pela subjetividade, ele está nos olhos de quem o contempla, e tem uma conexão com a natureza humana. "Mito não pode ser identificado pelo conteúdo, uma vez que o mesmo material pode funcionar diferentemente em diferentes contextos" (Morgan 2004). Não está entre os objetivos de nossa reflexão uma estendida justificativa em privilegiar "mito" em relação a "alegoria". Para uma extensa tratativa do tema ver Morgan 2004.

<sup>3</sup> Imagens em Platão são dotadas de certa ambivalência. Enquanto tentativa de se passar por seu modelo original, a imagem é criticada. No entanto, existe um uso que Platão faz das imagens que é tido como positivo pelo próprio filósofo. Eikón e eídolon são termos usualmente traduzidos como 'imagem', ambos empobrecidos em relação ao

O filósofo estabelece assim uma relação de causa e efeito e a noção de imagem do original. Conhecemos através do Sol, o Bem. No mito da caverna, nos deparamos com outra narrativa imagética. Platão, na boca de Sócrates, convida seu interlocutor a imaginar homens acorrentados vivendo em uma morada semelhante à uma caverna. Tais homens estariam na escuridão até que conseguissem a libertação. “Mas o que a austera Linha Dividida está fazendo no meio deste banquete de imagens de luz e escuridão?” (BROADIE, 2021, p.17).

---

original ao qual fazem referência. O último é utilizado em um contexto em que há intenção (da imagem) de se passar pelo original, enquanto o primeiro dispara o gatilho que faz compreender o vínculo com seu modelo. Uma imagem é sempre imagem de alguma coisa, e quando ela é utilizada para desencadear o processo da passagem da percepção para a concepção temos uma boa imagem. Por outro lado, se o objetivo é apenas agradar aos olhos, mesmo que isso signifique o uso de proporções desmedidas em relação ao original, temos uma imagem no sentido negativo.

O termo Eikón tem um significado profundo para além daquilo que ele manifesta, ele conserva as proporções matemáticas de seu modelo. Sem essa imagem, não há reminiscência, isto é, do ponto de vista epistemológico, sem corpo não há conhecimento. Há também skíá e phántasma, respectivamente 'sombra' carregando um sentido negativo, e 'simulacro' que também é sempre ilusório. É relevante dizer que quando fazemos uso da palavra 'imagem' para nos referir ao grande esquema composto por três partes (analogia do Sol como filho do Bem, a Linha Dividida e a Caverna), fazemos referência a um uso positivo de uma imagem que guarda relações de proporcionalidade. Um pensar por imagens que serve como gatilho para acessar algo para além delas. Para um tratamento exaustivo a respeito de imagens em Platão ver Sekimura (2010).

## CAPÍTULO 1: O ESTATUTO DA REALIDADE

Na linha dividida, Platão não somente estabelece diferentes estados da alma e seus respectivos objetos, mas, fazendo-o, também nos apresenta um vislumbre de como é a realidade ela mesma. Ao contrário do que a interpretação tradicional da teoria dos dois mundos de Platão oferece, não encontramos na linha uma distinção entre duas realidades, uma visível outra inteligível. Em seu lugar há a descrição de diferentes formas de apreensão de uma mesma realidade. Mesmo no trecho d’A República no livro V (475a-480a, quando Platão introduz uma distinção forte para o objeto de amor do filósofo) mais usado na fundamentação dessa que convencionalmente é tida como a pedra de toque da filosofia platônica, não há, como sugerido por Almeida Jr., uma equivalência em grego do termo “mundo visível/inteligível”<sup>4</sup> nos originais de Platão. Ao invés disso encontramos outros termos. Indo ainda mais longe no que tange o diálogo mais “físico” do filósofo, (Timeu), que descreveria em forma de mito razoável a criação do cosmos, o que observamos é uma realidade singular, um universo, não um pluriverso (ALMEIDA JR, p. 34). Veremos que a mensagem de Platão sobre o estatuto da realidade, não se dá na separação de duas realidades, mas nas imagens de semelhança entre relações existentes entre as diversas formas de interagir com o real.

### 1.1. O DEVIR E A ESSÊNCIA:

A distinção entre a multiplicidade e o modo de ser que é sempre o mesmo, nos dá um vislumbre da realidade. Existem, no devir, múltiplas coisas que estão sob a ação do tempo e que são, portanto, mutáveis. Existe ainda a *ousia*, o modo de ser que é sempre o mesmo. Essa distinção é fundamental na filosofia platônica de forma geral, mas também em específico na epistemologia do filósofo, ela nos oferece a noção basilar de que existem pelo menos duas formas de apreensão do real. Ora podemos experienciar a realidade no devir, ora a alcançamos através da intelecção. Vejamos a seguir mais sobre o que Platão nos oferece acerca dessa diferenciação.

---

<sup>4</sup> Para um melhor tratamento da questão sobre a teoria dos dois mundos atribuída a Platão, ver Almeida Jr. e Marques.

Das três máximas – três ondas, a saber, a igualdade na educação de homens e mulheres, logo a distinção por função e não por gênero; a abolição da família privada, logo a educação pública; e a de que deve haver um(a) rei(rainha) filósofo(a) – prescritas por Sócrates durante o exercício imaginativo sobre a melhor cidade, talvez a mais conhecida seja aquela que anuncia que nenhuma cidade atingirá a perfeição antes que os filósofos sejam reis ou ainda que os reis tenham por inspiração divina o amor pela verdadeira filosofia (499 b-c). O filósofo tem acesso ao divino e volve o pensamento para a essência das coisas. Ele é aquele que toma o longo caminho (BROADIE, 2021), e através do esforço e da educação adequada é capaz de apreender o conhecimento mais alto. Ao falar deste caminho a ser percorrido por aqueles que têm um desejo elevado e amam o ser e a verdade, Sócrates perpassa pontos essenciais à sua filosofia que juntos compõe o núcleo d'A República. Uma dessas noções essenciais diz respeito àquilo que o filósofo tem acesso e outras pessoas não, a saber, a essência das coisas.

- E os que são capazes de elevar-se até ao belo e de contemplá-lo, não são extremamente raros?
- Sem dúvida.
- Quem aceita a existência de coisas belas, porém, nem acredita que possa existir a beleza em si mesma, nem admitiria que o levassem até esse conhecimento, és de opinião que vive a sonhar ou que esteja acordado? Reflete um pouco: sonhar, para alguém, quer esteja dormindo, quer esteja desperto, não consiste em tomar a imagem de alguma coisa, não pelo que ela é como imagem, mas pela própria coisa com a qual ela se parece?
- Eu, pelo menos – respondeu –, direi que um indivíduo nessas condições está sonhando.
- E agora: quem, ao contrário disso, admite a existência do belo em si e se mostra capaz de contemplá-lo, assim como as coisas que dele participam, sem jamais confundir umas com as outras, como te parece que viva: sonhando ou acordado?
- Bem acordado – respondeu.
- Por tudo isso, não estaremos certos em dar o nome de conhecimento ao pensamento do indivíduo que conhece, e o de opinião ao que simplesmente conjectura?
- Perfeitamente. (*República V*, 476b-d, tradução de Carlos Alberto Nunes)

O discernimento entre o que é múltiplo e o que é sempre e do mesmo modo, aqui é fundamental. O filósofo, ao voltar-se para o que é, se desprende da mutabilidade das coisas no devir e volta sua alma ao que sempre é do mesmo modo. Aqueles que identificam, por exemplo a beleza em si, deixando de lado a fragmentação da multiplicidade de coisas no devir, são capazes de perceber as causas da realidade e ela mesma. Esta capacidade de enxergar as essências é reservada ao filósofo. Se a Linha Dividida demonstra diferentes formas de

apreensão da realidade, o filósofo está apto a transitar por todas elas, mas permanece na mais elevada. Com a imagem do sol como filho do bem, Platão versará sobre a maneira como essa realidade opera, nos dando assim, uma noção do que o filósofo é capaz de vislumbrar. O modo de conhecer, ou seja, de interagir com a realidade daquele que vive a sonhar ou do que está acordado distinguem nesse momento do diálogo, o devir e a essência.

A reflexão acerca do real encontrada no livro VI distingue dois modos de apreensão da realidade. Desta maneira, Platão nos apresenta uma fração do núcleo duro de sua ontologia. Percebemos, mais uma vez – como na distinção do modo de apreensão da realidade dos que sonham e dos que estão acordados – a noção de passagem da multiplicidade para a universalidade. Através do princípio de causa e efeito e do vislumbre que a imagem nos dá a despeito de seu modelo original, podemos compreender as relações guardadas o estado da faculdade mental de quem apreende a essência e a realidade em si mesma.

A difícil tarefa de falar sobre o que é o Bem em si quando solicitado, Sócrates – por julgar não estar à altura de tal assunto (506d) – não realiza. Como uma alternativa, ele fala do “fruto do bem em si mesmo” (507a). Assim, ao menos inicialmente, não temos uma definição do que é o Bem. Ao invés disso aparece mais uma vez a distinção entre o devir e a essência.

- Há muitas coisas belas – continuei – e muitas coisas boas, e tudo o mais do mesmo gênero, cuja existência afirmamos e que distinguimos por meio da linguagem.
- Sem dúvida.
- Como também a existência do belo e do bem em si, e que para cada coisa das que então apresentamos como múltiplas corresponde uma ideia particular, a única que denominamos “O que existe”.
- Isso mesmo.
- Aquelas, as coisas múltiplas, acrescentamos, são vistas, porém não pensadas; enquanto estas, as ideias, são pensadas, porém não vistas. (*República* VI, 507b, tradução de Carlos Alberto Nunes)

Não por acaso a distinção entre o Belo em si e as inumeráveis coisas múltiplas aparece n’A República pouco antes que Platão exponha suas analogias, esquemas e imagens. Essa distinção parece servir como uma chave de entendimento que o filósofo apresenta. Um presente de Platão ao seu interlocutor na tentativa de garantir que este último adquira, se ainda não tem, capacidade de assimilar o que virá a seguir.

## 1.2. O APANÁGIO DA VISÃO

[...] -E porventura não notaste – perguntei – como o obreiro dos nossos sentidos caprichou na feitura da faculdade de ver e de ser visto pelos outros? (*República* VI, 507c 6-8, tradução de Carlos Alberto Nunes)

[...] Por mais que haja vista nos olhos e se esforce por usá-la quem a possui; por mais que neles haja cores, se não lhes adicionar um terceiro elemento criado pela natureza para esse fim, sabes perfeitamente que a vista não verá nada e as cores permanecerão invisíveis.

-A que elemento te referes? – perguntou.

-O que denominamos luz – lhe disse. (*República* VI, 507d-e tradução de Carlos Alberto Nunes)

[...] de todos os órgãos dos sentidos parece-me ser o olho o que tem mais afinidade com o sol. (*República* VI, 508b 3-4 tradução de Carlos Alberto Nunes)

O que nos interessa aqui, é menos a descrição imprecisa ou equivocada de Platão – para a ciência atual – de como o sentido da visão funcionaria, e mais o caráter especial que Platão atribui a esse sentido bem como os significados implicantes em sua filosofia. O interesse excepcional de Platão pela visão nos mostrará que há algo nessa forma particular de interagir com a realidade, que manifesta qualquer coisa sobre como a realidade ela mesma opera. Curioso é pensar no quê, em última instância, Platão quer nos dizer quando ele estabelece que há em nós, seres humanos, uma capacidade que guarda relações com o sol. Isso parece nos revelar algo sobre o sol e sobre o bem, e ainda sobre a realidade e nossa capacidade de apreendê-la.

O termo original usado por Platão para descrever a afinidade da visão com o sol é descrito por Broadie – ao se perguntar sobre o propósito da imagem do sol – como “*hēlioeidēs* (aparentemente cunhado por ele para este contexto)” (2021, p. 13. Tradução nossa). O termo é usado para fazer referência, não à forma do Bem, mas ao olho. Sendo assim o olho o que guarda mais relação de semelhança com o sol (508b3-4). Platão também diz que “a luz e a visão têm analogia com o sol” (508e5– 509a2). Sabemos que a capacidade do olho – de ver – tem sua causa no sol e ainda a vista é capaz de ver o sol. Acompanhando o raciocínio da analogia instituída por Sócrates veremos que essas passagens sobre o olho, a luz e a capacidade de ver é para o interlocutor, e por conseguinte para nós, uma imagem das relações psíquicas pelas quais a inteligência, a *psykhé*, apreende o inteligível.

O status privilegiado que Platão confere à visão transforma a descrição desse sentido e de sua relação com o sol e os objetos visíveis em uma imagem que remete a um modelo (que parece também dizer algo do estado da alma – *eikasía* – no qual apreende-se algum conhecimento do original a partir de sua imagem, como na interpretação de Dominick (que menciono em 2.2). As relações guardadas entre o que ele descreve no visível, nos permite

vislumbrar o que ocorre no inteligível. Essa imagem, bem como toda a analogia do sol como filho do Bem, é usada para disparar no interlocutor um raciocínio a respeito de coisas que só podem ser pensadas.

A capacidade especial do sentido da visão é a de enxergar e assim, conhecer. Somos capazes, através dos olhos, de ver imagens e essas últimas são muito caras para teoria sobre a qual agora nos debruçamos. Seria esse o motivo da evidente preferência de Platão pela visão dentre todos os sentidos? Fato é que imagens nos permitem obter um vislumbre do original. Convém mencionar brevemente que há uma elucubração mental que ilustra bem essa capacidade contida na imagem e, apesar de muito posterior à Platão, pode nos servir para fins de reflexão. Carl Sagan, em sua explanação sobre como seria uma suposta quarta dimensão espacial para além das que conhecemos (comprimento, largura e altura), sugere que não é possível para nós a interação com a tal quarta dimensão (ela escapa aos nossos sentidos). Uma alternativa à essa lacuna seria uma imagem das quatro dimensões espaciais. Através da previsão da sombra geométrica projetada de um objeto (cubo) quadrimensional, é possível conhecer uma faceta (uma imagem) daquilo que nossos sentidos não seriam capazes de apreender.

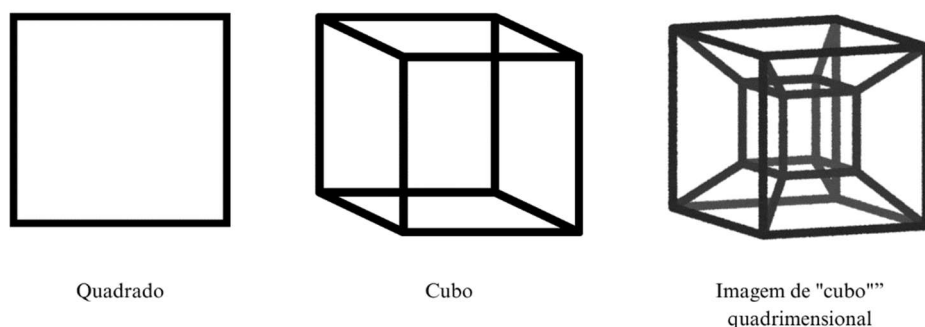


Fig.01

De qualquer maneira, é curiosa a preferência do filósofo, uma vez que é fato que os outros sentidos também podem nos fornecer uma fração, ainda que pequena, da realidade como

ela é. Em primeira instância a preferência de Platão pelo sentido da visão n'A República, reside no fato de que esse sentido é o que tem mais afinidade como o sol (508b). Aquilo que determina o apanágio da visão está localizado no meio que é necessário para enxergar, ou seja, a única capacidade sensitiva que necessita, segundo Platão, de um terceiro elemento (a luz) para que seja possível é a vista, isso determina a afinidade com o sol. Em última instância essa predileção traduz que a visão é canal de conhecimento das coisas visíveis na mesma proporção que a inteligência o é em relação às coisas inteligíveis. Prova disso é o que se segue na argumentação (508d-e), uma analogia entre o olho e a alma, a capacidade de ver e a de entender.

### 1.3. A REALIDADE E SUA IMAGEM RESPLANDECENTE

Dirás, por conseguinte – continuei –, que este sol é que eu denomino filho do bem, gerado pelo bem como sua própria imagem, e que no lugar visível está nas mesmas relações para a vista e as coisas vistas como o bem no lugar inteligível para o entendimento e as coisas percebidas pelo entendimento. (*República* VI, 508b-c, adaptação da tradução de Carlos Alberto Nunes)

Ao se questionar sobre o propósito da imagem do sol como filho do Bem, Broadie (2021) sugere que Platão pretende deixar seus interlocutores em um estado entre perplexidade e aceitação cega, um estado de receptividade ao que virá. No entanto esse estaria longe de ser o objetivo mais interessante que Platão tem com a imagem do sol como o Bem. Ainda assim, o todo, a saber o grande esquema em três frações (sol, Linha e caverna), se mostra mais importante que as partes e a analogia do sol e do Bem funciona como uma preparação indispensável para a compreensão do que virá em seguida.

Este é um excelente exemplo de como Platão faz uso de uma imagem como meio e gatilho para disparar um raciocínio e fazer conhecer seu modelo. Essa noção permeia todo o esquema platônico. Além disso, com a analogia do sol como filho do Bem, Platão estabelece que há pelo menos duas formas de acesso à realidade.

A reflexão que Platão faz acerca da realidade tem na alma, uma noção essencial. A partir da interação da *psykhé* com o real o filósofo extrai essa semelhança de relações entre o reino do sol e o do Bem. Tal qual os olhos, quando se dirigem aos objetos iluminados pelo sol, veem distintamente, a alma, voltada para um objeto iluminado pelo ser e pela verdade, o reconhece e se mostra inteligente (508d). Assim como o que emana do sol (a luz) é condição de possibilidade para a visão, o que emana do Bem (o ser e a verdade) é condição para que haja conhecimento verdadeiro. Encontramos nessa analogia, o estatuto da realidade, ora, ao sol, a multiplicidade

de coisas visíveis deve não só a capacidade de serem vistas, mas a própria existência, assim, o Bem é também condição de possibilidade para a existência dos objetos conhecidos (509a-b).

## CAPÍTULO 2: A LINHA DIVIDIDA

O esquema de proporções matemáticas que estabelece níveis de cognição e objetos do real associados a eles, é conhecido por dividir o domínio da apreensão humana em duas grandes partes, a saber, visível e inteligível (*tó horató* e *tó noetó*). Essa relação entre formas de conhecimento e seus respectivos objetos, confere à Linha Dividida um duplo estatuto no que tange à ordem ontológica e à epistemológica. Em outras palavras, a associação que a Linha nos oferece é entre modos apreensão da realidade e objetos desta mesma. Ambas epistemologia e ontologia, convergem e estão intimamente relacionadas nesse ponto.

### 2.1. A CONSTRUÇÃO DA LINHA

Depois de propriamente relacionar o Sol às coisas visíveis e o Bem aos objetos conhecidos, na polêmica passagem em 509b<sup>5</sup> Sócrates é novamente convocado a melhor explicitar sobre as coisas que disse. Assim, ele emprega mais uma vez o uso de imagens, exprimindo um esquema que usa proporções matemáticas e que ficaria conhecido como a sua descrição do modo como a alma (*psykhé*) conhece. Na Linha dividida, Platão relaciona estados da *psykhé* com objetos de conhecimento.

Platão exhibe o esquema da Linha através da linguagem em seu texto, sem o uso de ‘gráficos’. Portanto, é justo e frutífero para nossa investigação que um esforço desse estudo seja em direção à construção de tal diagrama que, posteriormente, surtirá efeitos expressivos na investigação a despeito do significado e do papel da opinião na Linha.

Sendo assim, imagina uma linha cortada em duas partes desiguais, a qual dividirás, por tua vez, na mesma proporção: a do gênero visível e a do inteligível. Assim, de acordo com o grau de clareza ou obscuridade de cada uma, acharás que a primeira seção do domínio do visível consiste em imagens. Dou o nome de imagens, em primeiro lugar, às sombras; depois, aos simulacros formados na água e na superfície dos corpos opacos, lisos e brilhantes, e a tudo o mais do mesmo gênero, se é que me compreendes. (*República*, 2023. 509d-510a, tradução Carlos Alberto Nunes)

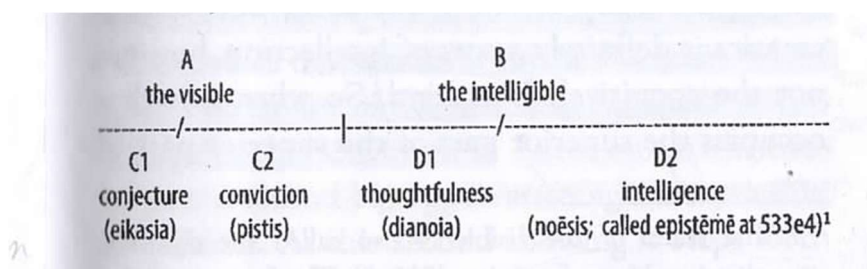
---

<sup>5</sup> O devido exame desta passagem demandaria mais tempo e não é especialmente relevante para nossos propósitos, portanto, não nos debruçaremos sobre ela.

Imagina agora a outra seção, da qual a anterior é simples imagem: os animais à volta de nós, o mundo das plantas e o conjunto de objetos fabricados pelo homem. (*República*, 2023. 510a, tradução Carlos Alberto Nunes)

A primeira divisão feita na Linha estabelece a distinção entre visível e inteligível, enquanto as divisões seguintes são subdivisões das duas primeiras frações obtidas. Não existem duas Linhas, é um seguimento inteiro, dividido em quatro partes. Cada uma das subdivisões, relaciona-se a um estado da alma. A distinção entre visível e inteligível, marca as duas diferentes formas de apreensão de uma mesma realidade. “A primeira e maior divisão... representa a diferença cognitiva entre visão ou experiência sensível em geral, e pensamento ou intelecção.” (BROADIE, 2020, p. 9-10). “A Linha configura uma metáfora para exprimir uma única atividade pensante e suas divisões correspondem a estados da alma e ao modo como esta adquire o conhecimento” (NUNES SOBRINHO 2007, p. 104).

Em sua obra *Mathematics in Plato's Republic* Sarah Broadie manifesta sua interpretação da Linha Dividida apresentando o seguinte diagrama:



(Fig.02.BROADIE, 2020, p. 9)

Platão, isso dificilmente precisa ser dito, assume sem argumentação que intelecção é cognitivamente superior à experiência sensível. Em seguida, dentro da experiência sensível, e de novo dentro da intelecção, ele faz mais divisões, cada vez preservando a proporção original a qual continua a representar superioridade e inferioridade cognitivas. (BROADIE, 2020, p.10, tradução nossa)

Broadie julga que a menor e a maior fração da Linha, são respectivamente equivalentes a inferioridade e superioridade cognitivas. Ou seja, a fração B da imagem acima, é maior que a fração A, porque, segundo a intérprete, *noësis* e *diánoia* são cognitivamente superiores à *pistis* e *eikasía*. Platão de fato estabelece essa superioridade da intelecção em relação aos objetos sensíveis. O rei filósofo comandará segundo a dialética, essa ciência superior que só é alcançável no último ‘estágio’ da Linha. Mas, semelhantemente aos prisioneiros (515a) que se encontram na caverna desde tenra idade e por grande parte da vida, a maior parte da experiência

humana, é no devir em contato com os objetos visíveis. Desse modo, uma representação gráfica mais harmoniosa com o contexto do diálogo platônico, é uma em que o gênero visível represente a maior fração da Linha. E ainda, a construção do diagrama deve levar em consideração que a Linha está entre a analogia do Sol como filho do Bem, e a Caverna, ela não é separada dessas duas últimas imagens. Até mesmo Broadie, em *Plato's Sun-Like Good*, outra obra da intérprete, reconhece que existe o que ela chama de “virada Gestalt” (2021, p. 14), quando o leitor passa pelo grande esquema (analogia Sol/Bem, Linha e Caverna) onde o todo é mais importante que a parte. Para além disso, não menos importante é a afirmação de Sócrates em 517a-b onde ele diz que Gláuco precisará aplicar a imagem recém apresentada da Caverna “a tudo o que expusemos antes”. Posto isso, segue uma outra possibilidade gráfica do esquema da Linha.

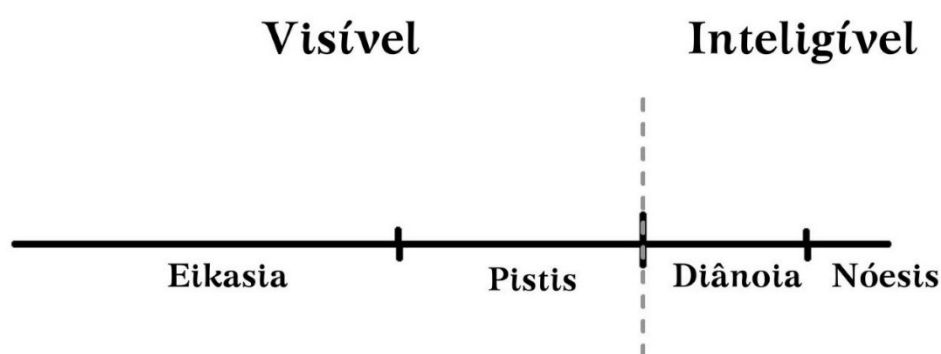


Fig.03

Enfim, com um recurso visual, podemos melhor contemplar o que Sócrates exprimia e vislumbrar os significados contidos no esquema. Broadie não se compromete em associar os estágios da Linha com a trajetória da alma que começa nas profundezas da caverna, embora ela admita que isso pode estar correto (2021, p. 16). Enfim, o esquema da Linha é uma metáfora do caminho percorrido pelo pensamento, pela *psykhé*, onde Platão associa os estados desta última com objetos de conhecimento; mas também um esquema de proporções matemáticas que tem correspondência com a trajetória da alma, iniciada nas profundezas da caverna; para além disso a Linha é o núcleo esquemático da teoria do conhecimento de Platão envolvendo noções metafísicas e mostrando diferentes graus de apreensão da realidade; e ainda o esquema “afirma o primado da inteligência sobre o objeto.” (NUNES SOBRINHO, 2007, p. 105).

*Saphēneia* é o termo que define a clareza na Linha Dividida. Aqui parece haver uma espécie de critério interno que regula a gradação ontológica e epistemológica entre os segmentos da Linha. Assim, cada nível da linha — *eikasía*, *pistis*, *diánoia*, *nóesis* — corresponde a um modo específico de clareza ou obscuridade, onde a participação do objeto contemplado na verdade é proporcional à capacidade do ato cognitivo. A alma, ao ascender, não apenas avança rumo ao inteligível, mas, ao fazer isso, avança em sua própria capacidade de  
inteligir.

## 2.2. UMA IMAGEM DO CONHECIMENTO

As analogias imagéticas do todo dotado de três partes contido nos livros VI e VII d'A República, são abundantes de significado e caríssimas para a filosofia Platônica. A Linha Dividida é um esquema apresentado no texto de Platão, ela deve ser lida como tal e não de forma separada da obra a qual ela faz parte e ainda, deve-se considerar a analogia do esquema em si. Este último é análogo à Caverna, mas também ao Sol como o Bem. Desta forma, associando o espectro de luz à extensão da Linha, obtém-se que analogamente à gradação de luz, há a gradação do conhecimento. A alma, em estado de ignorância, não se torna instantaneamente sábia. A trajetória da libertação da *psykhé* até que ela saia da caverna não é imediata. Para alcançar os estágios do gênero inteligível da Linha é preciso antes, que a *psykhé* tenha percorrido os estágios do gênero visível no devir. As duas frações resultantes da primeira divisão na Linha (visível e inteligível) têm, uma para com a outra, relação de imagem e modelo. Dessa forma, os estados da alma no devir, são estados intermediários entre ignorância e sabedoria, e a opinião é uma imagem do conhecimento.

*A diánoia* visa ao inteligível, mas vem após os dois estados intermediários da *doxa*. As divisões da linha são operadas a partir da distinção entre imagens e os seus modelos originais. As coisas sensíveis possuem o duplo estatuto de serem capazes de projetar suas imagens e de servir como imagens que remetem para realidades inteligíveis, que só são atingíveis por hipóteses interpostas. A imagem está para o modelo, assim como a opinião está para o saber. (NUNES SOBRINHO, 2007, p. 104)

Há n'A República, uma distinção entre conhecimento e opinião no livro V. Platão distingue as diferentes *dýnamis* (faculdades ou potências) da alma relativas a opinar e a conhecer. "...a opinião diz respeito a uma ordem de coisas e o conhecimento a outra, diferente daquela, de acordo com as respectivas faculdades." (477b). Todavia, essas duas faculdades da

*psykhé* são necessárias para a construção do conhecimento. A Linha que descreve a forma como a alma conhece, é uma só, e para que haja apreensão do inteligível, pelo pensamento, é preciso antes, ter apreendido o visível, pelos sentidos. O filósofo não é uma ‘alma avulsa’, uma alma sem corpo que vaga por aí, o filósofo não é pensamento puro, ele é um ser corpóreo. Essa união que é a vida, é um fortíssimo indício de que é necessário corpo e alma para desenrolar o processo de conhecer em vida.

Segundo Dixsaut “A opinião não é um modo inferior de conhecimento, ela não é em absoluto um conhecimento.” (2021, p. 69), ou seja, a intérprete defende que opinião, não é, de modo algum, conhecimento. Mas como então pode a opinião ser um estado intermediário? Em um estado intermediário entre completa escuridão e plena luz, há algo de escuridão, mas também há algo de luz. Dixsaut, no trecho citado, tem por objetivo fazer uma distinção forte entre os objetos de opinião e de conhecimento. A partir de tal separação, o filósofo se distingue do amante de espetáculos. O objeto de desejo do primeiro (filósofo) está vinculado com o conhecimento, já o do segundo (amante de espetáculos), vincula-se à opinião na multiplicidade do devir. Evidentemente, não há ciência na opinião, não obstante, ainda há gradação de conhecimento. Entretanto, como já dito, filósofo não é pensamento puro, ele é um ser corpóreo.

Para além disso, é importante considerar o corpo completo do diálogo. Platão menciona uma espécie de opinião ‘verdadeira e legítima’ em 430a, ao declarar a importância da educação preparatória dos soldados.

Enfim, o estado da alma equivalente ao objeto da opinião, pode não ser o de uma alma filósofa, mas assim como as ciências matemáticas são preparatórias e convertem a alma para a ciência superior, a opinião, ou seja, os dois primeiros estágios da Linha, são preparatórios para o segundo. Posto isto, uma hipótese interpretativa seria que a atribuição que cabe à opinião é participar, ainda que em menor grau, da verdade do conhecimento, sendo um estado intermediário e preparatório para os objetos inteligíveis.

Nesta perspectiva apresentada, tomemos como exemplo, a interpretação de Dominick (2010) sobre a parte inferior da Linha Dividida. A fração da Linha que diz respeito ao estado da alma em que o conhecimento se dá em sua forma menos elevada, a saber, *eikasía*, é às vezes tomada como uma forma de apreensão do real que necessariamente envolve confundir ou tomar as imagens por seus objetos reais. Dominick (2010) nos apresenta uma perspectiva alternativa (não inédita), defendendo que a *eikasía*, é um estado no qual se pode ver uma imagem como aquilo que ela é, uma imagem, ou seja, não confundí-la com seu modelo.

Na primeira interpretação, encontramos uma perfeita equivalência entre os estágios da Linha e o mito da caverna visto que os prisioneiros confundem as imagens dos objetos atrás da fogueira com a verdadeira realidade. Mas segundo Dominick não há necessariamente uma confusão. Essa visão também suporta a condição análoga entre *eikasía* e *diánoia*, na qual é possível, ao menos em alguns casos, saber parcialmente da verdade de algo através de sua imagem. Da forma como o próprio Sócrates faz com a imagem do bem e do sol.

A confusão entre imagens e seus originais, no primeiro estágio do esquema epistemológico Platônico, implicaria que Linha e caverna não seriam perfeitamente correspondentes (Dominick 2010). De qualquer forma, o papel epistemológico da *eikasía* pode ser fundamental e decisivo, sobretudo quando as causas não são evidentes. Uma imagem presentifica aquilo que está ausente (como Sócrates faz). Para Platão, o grande problema na narrativa imagética seria a sua utilização com intuito de enganar (como os pelotiqueiros – *thaumatopoióis*).

Essa primeira fração cujos objetos são imagens, pode nos dizer algo importante sobre a própria Linha Dividida. A exemplo da escolha do termo utilizado para descrever a atividade da alma em relação às imagens - *eikasía*- e o sentido que tal escolha pode nos oferecer. Platão estabelece como imagens, as sombras, os simulacros na água e na superfície dos corpos, e a tudo mais do mesmo gênero (livro VI 510a). Para isso, ele usa o termo *eikónes*, que tem um uso positivo<sup>6</sup> para Platão. Seria este um indício de que mesmo no início da Linha, Platão já estaria pensando em imagens como coisas que presentificam algo que está ausente disparando um gatilho para a reflexão da alma que entra em contato com elas? Aqui a imagem parece ser um passo inicial em direção ao conhecimento visto que o primeiro estado da alma (primeira fração da Linha) não tem a faculdade necessária para o conhecimento pleno. Isso pode ser justificado se levarmos em consideração a relação de proporcionalidade da própria Linha, se a *eikasía* está para a *diánoia* e esta última permite a passagem da percepção para a concepção, a primeira faria o equivalente no que diz respeito aos objetos sensíveis? Mas ainda, como ficaria a questão da caverna? Se a Linha Dividida matematiza a imagem dada na caverna, poderia ser coerente que Platão ofereça um sentido positivo das sombras vistas pelos prisioneiros? Essas talvez sejam questões que necessitam, e merecem, de mais tempo de investigação.

### 2.3. UMA IMAGEM DE ESCURIDÃO? – O MITO DA CAVERNA

---

<sup>6</sup> Ver nota 2

Depois disso – continuei –, imagina homens em uma morada subterrânea em forma de caverna, provida de uma única entrada com vista para a luz em toda a sua largura. Encontram-se nesse lugar, desde pequenos, pernas e pescoço amarrados com cadeias, de forma que são forçados a ali permanecer e a olhar apenas para frente, impossibilitados, como se acham, pelas cadeias, de virar a cabeça. A luz de um fogo aceso a grande distância brilha no alto e por trás deles; entre os prisioneiros e o foco de luz há um caminho que passa por cima, ao longo do qual imagina agora um pequeno muro, à maneira do tabique que os fabricantes de espanto levantam entre eles e o público e por cima do qual executam suas habilidades... Observa, então, ao comprido desse pequeno muro, homens a carregar toda sorte de utensílios que ultrapassam a altura do muro, e também estátuas e figuras de animais, de pedra ou de madeira, bem como objetos da mais variada espécie. Como é natural, desses carregadores uns conversam e outros se mantêm calados.

– Imagens muito estranhas – disse – como também os prisioneiros de que falas.

– Parecem-se conosco – respondi. (*República*, 2023. 514a-c, tradução de Carlos Alberto Nunes)

O mito da caverna de Platão é, possivelmente, a reverberação filosófica mais famosa do autor, talvez também a mais incompreendida. É comum encontrar nas livrarias pequenos exemplares contendo apenas essa célebre passagem d'*A República*, como um átrio sem ventrículo que bombeia sangue para lugar nenhum. O mito da caverna reproduzido sem a filosofia que acompanha todo o movimento do diálogo e, sobretudo, sem o grande esquema de imagens e analogias (sol como filho do Bem, linha e caverna), além de não ser tão convidativo, é incompleto e opaco. As intenções de Platão ao descrever a caverna, bem como o majestoso esplendor desta última, ficam muito mais claras ao considerar esse todo.

Pois bem! disse eu. Essa imagem, caro Gláucon, debes aplicar a tudo que foi dito anteriormente, assemelhando o lugar que vemos com nossos olhos à morada na prisão, e a luz da fogueira que arde lá ao poder do sol. E, se tomares a subida até o alto e a visão das coisas que lá estão como a ascensão da alma até o mundo inteligível, não me frustrarás em minha expectativa, já que queres ouvir-me falar dela. (*República*, 2006, 517a-b, tradução de Ana Lia Amaral)

É evidente a intenção de Platão em estabelecer uma conexão inerente entre a caverna e a linha dividida, bem como a analogia do Sol enquanto filho do Bem. O mito da Caverna será apresentado logo após a Linha e nos fornece uma imagem dinâmica e simbólica (Dixsaut 1986) sobre a nossa natureza no que diz respeito à educação ou à ausência dela (514a). Ao contrário

de Broadie, Dixsaut<sup>7</sup> parece se envolver – ou ao menos admitir com mais segurança – na tarefa de associar os estágios da Linha com a jornada na caverna. A conversão (*periagogé*) da alma é um movimento composto por quatro etapas, estabelecidas pelas frações da Linha, as quais a caverna ilustra de forma dinâmica. Nessa perspectiva, é possível que a identificação precisa entre Linha e caverna, não seja necessária ao encarar o mito enquanto aquilo que ele é: uma imagem que, naturalmente, não é idêntica ao seu modelo.

É importante mencionar que logo no início da narração do mito, percebemos que não se trata literalmente de uma caverna, mas de uma morada semelhante o que sugere que Platão não estaria versando sobre um espaço natural (caverna natural) mas de um fabricado. Isso abre espaço para a interpretação de que para além de ontológica e epistemológica, a caverna é uma narrativa política. Não é o objetivo deste trabalho uma extensa elucubração sobre a caverna. De qualquer maneira, o que nos interessa nesta reflexão é a notória indissociabilidade entre as três narrativas imagéticas no núcleo da república, a saber, sol, Linha e caverna<sup>8</sup>, e ainda, que há nesta última um caráter de continuidade em relação ao esquema matemático e epistemológico na república.

---

<sup>7</sup> A autora francesa concebe a caverna enquanto alegoria. Neste trabalho, no entanto, escolhemos usar a palavra "mito" para caracterizar a imagem da caverna de Platão. Ver nota 1

<sup>8</sup> Para mais sobre o mito da caverna ver Morgan e Dixsaut (1986)

### CAPÍTULO 3: A DIALÉTICA E SEU OBJETO

No cume da Linha Dividida, encontramos a forma superior de conhecimento. A *nóesis* é a mais elevada atividade intelectual da alma e tem como objetos as próprias Formas. Neste estágio (considerando que parece haver na Linha uma gradação da maneira como a *psykhé* apreende a realidade) acontece a intelecção pura, não há mais o apoio em imagens ou hipóteses como nas seções anteriores, a alma se volta diretamente às Formas em busca de seu princípio. É neste movimento que a dialética se revela enquanto a ciência mais elevada. Broadie (2020) vai sugerir que a enorme superioridade da dialética em relação às outras ciências matemáticas é a principal noção que Platão pretende transmitir com a Linha Dividida. Isso talvez faça sentido, uma vez que a dialética (n'A República) é encarada apenas em termos do que ela se difere em contraste às outras ciências e se situa no mais alto ponto da Linha (Dixsaut 2021). Por outro lado, o que essencialmente resulta das duas primeiras imagens (Sol e Linha) é um conhecimento do Bem através de seus efeitos, e ainda, no caso da Linha, a noção de que a educação pretende levar uma alma de um estado de percepção ao outro, até a pura intelecção (Dixsaut 1986). De qualquer modo, fica evidente que: as ciências matemáticas – a saber, aritmética; geometria plana; estereometria; astronomia e harmonia – são propedêuticas à dialética (531c-e, 533a); a dialética é um método e a ciência superior (533c-d).

N'A República, Platão instaura o Bem como aquilo que, simultaneamente, é causa e orienta o inteligível bem como nossa capacidade de conhecê-lo. Por um lado, sabemos – pela imagem do Sol – do Bem enquanto causa: assim como a luz torna possível a visão e a geração de seres no reino do visível, o Bem ilumina o reino do inteligível garantindo o ser às próprias Formas bem como nossa capacidade de conhecê-las. Essa estrutura nos permite afirmar que sem o Bem não haveria fundamento para a inteligibilidade nem critério estável para a verdade. Por outro lado, o Bem tem, além de seu papel causal, a função de ser o fim último da jornada da alma e da organização política. É em direção ao Bem que a alma vai em sua conversão na Linha Dividida. É o Bem que a *psykhé* "vê" ao fim de sua libertação no mito da Caverna. Essa duplicidade — causa e fim — não se reduz a uma definição teórica para Platão, mas se refere a uma dinâmica na qual, através do amor, o desejo humano é conduzido para além do domínio da percepção (não somente no que diz respeito ao conhecimento, mas também no que é relativo à esfera política), em direção ao princípio que confere sentido ao saber e à realidade. O Bem garante legitimidade à Dialética na qualidade de objeto da mesma. Enquanto ciência suprema,

a dialética garante aos filósofos o direito de seu reinado. Para Platão, não há melhor governante que aquele que detém a ciência do Bem.

## CONCLUSÃO

Esta reflexão buscou explorar a teoria do conhecimento concebida por Platão, especialmente naquilo que concerne a Linha Dividida. O grande esquema imagético engendrado pelo filósofo no coração da república é rico e carregado de nuances fascinantes. A partir da reflexão elaborada neste trabalho concluímos que: em primeiro lugar, a Linha exprime estados da alma e os relaciona com objetos de conhecimento, estabelecendo assim, que há pelo menos duas formas de apreensão da mesma realidade; as três narrativas imagéticas (Sol, Linha e Caverna) descritas por Platão, formam uma unidade maior que apresenta relações análogas entre si e elos de continuidade. Assim, em cadeia, a Linha dividida é uma sequência da imagem do sol como filho do Bem e a caverna, por sua vez, é um contínuo da Linha; o esquema da Linha, juntamente com o contexto do diálogo, exhibe a trajetória da alma em um espectro que passa por estágios intermediários entre ignorância e a opinião na multiplicidade no devir, até o conhecimento das Formas; por fim, vale ressaltar que para além dos princípios epistemológicos e de uma elucubração acerca da maneira como os seres humanos têm os sentidos e o pensamento afetados pela realidade, o filósofo apresenta uma reflexão sobre a realidade ela mesma, desta forma, a ideia do Bem, enquanto causa estruturante do real, mas também como aquilo que permite que pela intelecção ele seja apreendido, configura uma noção ontológica e epistemológica;

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, George Matias de. **Mundo espaço e lugar: uma crítica à interpretação da teoria dos dois mundos atribuída a Platão**. Belo Horizonte: PPGFIL, 2024.

BOYLE, A.J. **Plato's Divided Line: Appendix: The Function and Significance of the Line**. Apeiron: A Journal for Ancient Philosophy and Science, Vol. 8, No. 1 (May, 1974), pp. 19-21

BROADIE, Sarah. **Mathematics in Plato's Republic**. Series: The aquinas lecture 83. Milwaukee, Wisconsin: Marquette University Press, 2020.

\_\_\_\_\_. **Plato's Sun-Like Good**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2021.

BYRD, Miriam. **Mathematics, Mental Imagery, and Ontology: A New Interpretation of the Divided Line**. The International Journal of the Platonic Tradition 12 (2018) 111-131.

COOPER, J. **Plato, Complete Works**, Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 1997.

DIXSAUT, Monique. **Metamorfoses da dialética nos diálogos de Platão**. Tradução: Janaína Mafra. São Paulo: Paulus, 2021.

\_\_\_\_\_. **République (Livres VI et VII) Traduction et Commentaire**. Bordas, Paris, 1986.

DOMINICK, Yancy H. **Seeing Through Images: The Bottom of Plato's Divided Line**. Journal of the History of Philosophy, Volume 48, Number 1, January 2010, pp. 1-13

DORTER, Kenneth. **The Divided Line and the Structure of Plato's "Republic"**. History of Philosophy Quarterly, Vol. 21, No. 1 (Jan., 2004), pp. 1-20

MARQUES, Marcelo P. **Contra a teoria de dois mundos na filosofia de Platão. República V 476E-478E**. Princípios, UFRN, 2011.

MORGAN, Kathryn A. **Myth and Philosophy from the Presocratics to Plato**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

MOHR, Richard. **The Divided Line and the Doctrine of Recollection in Plato**. *Apeiron: A Journal for Ancient Philosophy and Science*, Vol. 18, No. 1 (June 1984), pp. 34-41

NUNES SOBRINHO, Rubens G. **Inteligência e *Psykhé*: A Epistemologia de Platão**. *Educação e filosofia*, Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 89-117, jul./dez. 2007.

PLATÃO, **A República**. Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO, **A República**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Texto grego John Burnet. 5. ed. rev. e bilíngue. Belém: ed.ufpa, 2023.

PLATON, **Oeuvres Complètes**, Paris: G. F. Flammarion, 2008.

SEKIMURA, Makoto. **Platon et la question des images**. Bruxelles: Ousia, 2010.